

Portuguese A: literature – Standard level – Paper 1
Portugais A : littérature – Niveau moyen – Épreuve 1
Portugués A: literatura – Nivel medio – Prueba 1

Monday 9 November 2015 (afternoon)
Lundi 9 novembre 2015 (après-midi)
Lunes 9 de noviembre de 2015 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

Instructions to candidates

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a guided literary analysis on one passage only. In your answer you must address both of the guiding questions provided.
- The maximum mark for this examination paper is **[20 marks]**.

Instructions destinées aux candidats

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez une analyse littéraire dirigée d'un seul des passages. Les deux questions d'orientation fournies doivent être traitées dans votre réponse.
- Le nombre maximum de points pour cette épreuve d'examen est de **[20 points]**.

Instrucciones para los alumnos

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un análisis literario guiado sobre un solo pasaje. Debe abordar las dos preguntas de orientación en su respuesta.
- La puntuación máxima para esta prueba de examen es **[20 puntos]**.

Faça a análise literária dirigida de **um** dos seguintes textos. A sua resposta deve ter obrigatoriamente em conta as duas questões de orientação que acompanham o texto escolhido para análise.

1.

Anástrofe¹ e incerteza em Tony Carreira

Quem é, hoje, o mais conhecido e apreciado poeta português? A Academia divide-se, o que demonstra, uma vez mais, que a Academia não percebe nada do assunto. Inúmeros portugueses sabem de cor os seus versos – e, no entanto, a universidade despreza-o, a crítica ignora-o, as selectas barram-lhe a entrada. Valha-nos o povo, especialmente aquela parcela do povo que é constituída por senhoras maiores de 50 anos, que o venera. O mais famoso poeta português da actualidade é, sem dúvida nenhuma, Tony Carreira. Fazia falta um estudo sério sobre a sua obra. Um pouco vergado sob o fardo de ser sempre pioneiro a fazer o que faz falta, aqui o apresento.

O primeiro aspecto que o leitor de Tony Carreira deverá ter em conta é o seu universo vocabular. Carreira definiu um vocabulário restrito, não porque queira, como Eugénio de Andrade², estabelecer um conjunto de vocábulos essenciais e, a partir desse núcleo, obter uma expressividade reforçada pelos contextos inesperados em que eles surgem, mas, ao que tudo indica, porque conhece poucas palavras. E a maior parte das que conhece não tem muitas sílabas. Tony Carreira não perde tempo a procurar o adjectivo certo. Na dúvida, é tudo “lindo”. É o caso da vida, no poema “Não chores mais” (“Não chores mais / não nunca mais / que a vida é tão linda”), da mãe, em “Mãe querida” (“Hoje velhinha estás, querida mãezinha / Mas para mim sempre serás tu a mais linda”), de uma casa, em “Coração perdido” (“Hoje vives numa linda casa”), ou de várias coisas, no poema “Ai que saudades” (nele, o herói parte de “uma casinha branca tão linda”, recorda “esse cantinho doce e tão lindo” e anseia pelo regresso à “ilha linda (...) que o viu nascer”, que é, evidentemente, a “linda Madeira”).

Mas quem é, no fundo, Tony Carreira? No essencial, talvez um vagabundo. O poeta apresenta-se como “um eterno vagabundo” (em “Quem era eu sem ti”), declara “sou vagabundo, não vou parar” (em “A minha guitarra”), descreve-se como “um romântico, meio vagabundo” (em “Será que sou feliz”), adianta que “ninguém conseguia mesmo parar / o meu lado vagabundo” (em “Um homem muda”), define-se como um “vagabundo feliz” (em “A vida que eu escolhi”) e, no belíssimo “Eterno vagabundo”, confessa: “Já pensei ter mulher / Ter um lar a condizer / Mas não deu // Porque o meu coração / É vagabundo / Até mais não”. Talvez o melhor retrato do poeta seja, de facto, o deste “vagabundo até mais não”, uma vez que, como vimos, há muita indigência na poesia de Carreira (e aqui estou a ser tão denotativo quanto conotativo).

Enquanto poeta, Tony Carreira está preocupado com dois problemas principais: a quantidade de frases que, não terminando numa palavra acabada em “ar”, não podem rimar com outras frases que terminem numa palavra acabada em “ar” (e por isso recorre com frequência a belas anástrofes, como em “Morena bonita”: “Um dia destes eu com ela vou falar / Vou fazer tudo p’ra seu amor conquistar”); e as idiosincrasias do amor, e as perplexidades que elas causam. Neste capítulo, são exemplares os poemas “Qualquer dia posso-me cansar” (“E quando as coisas correm mal porque é que tu me ofendes / Se ao fim da noite queres fazer as pazes na cama?”) e “Cai nos meus braços, Maria” (“Tu que estás aí dançando / Faz aquilo que eu desejo / Vem para mim bamboleando / Sim, tropeça nos meus beijos (...) Vem nesse bamboleado / Escorrega nos meus lábios”), sendo que este último parece alertar para o carácter traiçoeiro dos beijos, que ora fazem tropeçar, ora saem de lábios escorregadios. A registar por quem, desejando entregar-se aos prazeres do amor, não queira, ainda assim, partir uma perna.

45 Fica o incentivo para uma leitura atenta da poesia de Tony Carreira – que, por ser inclassificável, não me sinto capaz de adjectivar. A não ser, talvez, com a expressão “muito linda”.

Ricardo Araújo Pereira, *Boca do Inferno* (2007)

¹ anástrofe: recurso estilístico que consiste na inversão da ordem natural das palavras na frase

² Eugénio de Andrade: poeta português (1923–2005)

- (a) Identifique a figura de estilo que atravessa todo o texto e comente a sua expressividade.
- (b) Relacione a crítica presente no texto com o uso das citações.

2.

Meu ser

Morre em mim a esperança e morre tudo em mim.
Os olhos de tragédia, a mente conturbada
vão fazendo antever o princípio do fim,
a existência do Além e o casulo do Nada.

5 Não era de pensar que terminasse assim
a vida que continha as cores da alvorada,
as estrelas do céu, as palmas do jardim,
as águas de cetim e a lua perolada.

10 O poder do Destino é forte e prepotente
pondo o vírus do fim no começo da vida
e fazendo valer sua vil impostura...

Principia a secar a molhada semente
e eu começo a pensar numa nova energia
que transforme o meu ser numa nova criatura.

Elisa Barreto, *Poesia* (1999)

- (a) Explore as antíteses que materializam o espanto do eu lírico no presente.
- (b) Em que medida este poema pode ser lido como um voo libertador para o eu lírico?
-